

Mundos e Desmundos - Tessitura da Confiança

Worlds and Unworlds - The Weaving of Trust

Maria Célia Detoni¹

E a tanto me agarrava eu, como se fosse um fio de seda que levasse ao mundo, estando eu no desmundo. (Miranda, 1996, 138)

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão a respeito das condições necessárias para o desenvolvimento do sentimento de consideração (concern) proposto por Winnicott, transpondo suas especificidades para o contexto atual de produção de subjetividade, trazendo questionamentos ligados a analisadores contemporâneos de enfraquecimento dos laços de confiança, básicos para a riqueza da vida psíquica.

Palavras-Chave: consideração; confiança; subjetividade; ambiente.

Summary: This article presents a discussion about the necessary conditions for developing a feeling of consideration (concern) proposed by Winnicott, transposing their specificity to the actual context of subjectivity's production, bringing contemporary questions related to the analytics of weakening of the trust's bonds, essential for the psychic's life wealth.

Keywords: concern; trust; subjectivity; environment.

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta, Mestre pela UFRGS. Endereço para correspondência: mcdetoni@gmail.com

A Confiança como Analisador Clínico

Na clínica podemos e devemos, em certa medida, ser mestres de nossa prática, uma vez que esta pressupõe que transvaloremos nossa servidão e nos coloquemos com o outro a serviço de sua potência de vida. A clínica é a ousadia do exercício diário, de fracassos e sucessos, tentativas, erros e acertos. Há os momentos iluminados em que funcionamos como intercessores na máquina subjetiva encarnada com o outro, há ainda situações em que nossa escuta oferece o conforto sem o qual este não suportaria a si mesmo, e outras em que nos vemos tomados pela impotência. (Detoni, 2009)

Este é o encanto que reflete a riqueza de nosso trabalho quando o mesmo se abre para a multiplicidade de sentidos, o sair do deserto para percorrer outros terrenos gerando mesclas e recriações da técnica, (Ferenczi, 1909/1991, 1927/1992) invenções que devem ser incluídas no trabalho clínico. A clínica é, portanto, a prática de uma arte, uma artesanaria. Porém a aplicação de um paradigma estético não consiste na interpretação ortodoxa de uma partitura de um autor famoso, nem com a ingênua crença no ato criacionista. Tem mais a ver com construir com aquilo que se tem, se pode e se é; com a improvisação em que se dá uma versão única e irrepetível. Ou seja, de acordo com Kristeva, (2002) vemo-nos obrigados a tomar a polifonia para escutar o discurso que nos é dirigido nos diversos níveis lingüísticos e translingüísticos como a voz, o gesto, o cheiro, e assimilar e assinalar, dentre todos, qual deles nos faz crer que abrirá sentidos para a vida do outro.

Foi com estas questões e com a leitura de Winnicott que encontrei ressonância para temas da clínica contemporânea. Ao “situar a experiência do psicossoma no centro de sua descrição da vida psíquica e estender o campo da subjetividade individual para além das fronteiras da interioridade psicológica” (Bezerra; Ortega, 2007, 8) é que Winnicott permite um diálogo para a clínica que pode transcender a concepção de uma subjetividade pessoalizada e descontextualizada da sua historicidade cultural.

A forma como o autor é atento aos detalhes da formação do sujeito e como com tais detalhes tece um campo transicional coloca a nós terapeutas diante da máxima Nietzscheana (s.d.) da diferença entre sobreviver e viver. A vida como afirmação da potência, o sujeito legislador, criador de valores nietzschiano é aquele que, para Winnicott, (1975) desenvolveu a capacidade criativa no interjogo das múltiplas realidades que o compõem. Para este autor somos sujeitos da experiência, inventamos o mundo enquanto somos inventados por ele. É nessa possibilidade criacionista que a brincadeira fará seu papel de transicionar o humano

para um mundo, nunca totalmente seu, nunca totalmente pronto, mas sempre aí para ser tomado como “não eu”. É por isso que fará um belo som aos nossos ouvidos a advertência de Winnicott (1975, 134) nesta passagem: “uma parte essencial de minha formulação dos fenômenos transicionais está em nunca desafiar o infante (infant)² com a questão: você criou esse objeto ou o encontrou?”

A ideia de mutualidade se encontra originariamente em Ferenczi (1991) no texto de 1909, *Transferência e Introjeção*, visto que é no investimento do eu nos objetos que o sujeito lhe confere existência, como no conto de Gepeto, onde o grande desejo do velho solitário traz vida ao boneco de madeira. Esta mutualidade do conceito de introjeção em Ferenczi nos assegura que a subjetivação é realmente processual, polissêmica e, seu grau de saúde advém de sua possibilidade de alteridade.

A introjeção é um processo que cria, ao mesmo tempo, o eu e o objeto. Temos aqui duas interessantes idéias: a primeira é a de que não há prevalência do objeto sem sujeito, porque não há sujeito sem objeto ou objeto sem sujeito. A segunda é a idéia paradoxal de que a presença dos objetos introduz uma possibilidade de não se ter limites para existir e, ao mesmo tempo, de se ter limites, exatamente porque se tem objetos, já que estes nos obrigam a reconhecê-los. Nesse sentido, não há um fora e um dentro, um antes e um depois; o que temos é a introjeção, cuja experiência faz acontecer, simultaneamente, o produto do eu e a construção desse mesmo eu (Knobloch, 1998, p.49).

Em Winnicott (1975, 137) encontraremos que a vida versa sobre as experiências que cada ser vai fazendo para confeccionar uma existência possível de acordo com as circunstâncias que se apresentam para tal confecção. Tais circunstâncias não serão passíveis de dissociação do campo cultural e se configuram na forma como os laços humanos se desenham. Será através de “fenômenos transicionais” (1975, 17) que o infante irá criar seu campo imanente de experimentação. Tal campo não tem outra função senão criar exatamente esta zona do entre indiferenciado da antropofagia do ambiente e o pequeno ser. As condições ambientais³ que circundam a vida do infante e a vida dos adultos que o cercam são sobremaneira importantes para esta confecção de mundos mútuos. Ou seja, do transicional ao simbólico (1975, 19) encontramos já fios de uma longa tessitura de vida que cada um terá de

² Aqui optamos pela tradução como infante ao revisar diferentes literaturas e reconhecer a este termo maior fidedignidade ao termo infant de Winnicott do que lactente ou bebê.

³ Winnicott utiliza o conceito de ambiente e de cultura. O autor não parece enquadrar-se na idéia de um ambientalista ou culturalista, nem tem uma posição ingênua sobre tais conceitos. Aparece em seu livro *O Brincar e a Realidade* uma advertência ao leitor, de que, talvez não se possa definir “cultura.” Opta ali, mesmo assim, ao uso do conceito do que chamou de “fundo comum da humanidade” *que todos podemos fruir se, “tivermos um lugar para guardar o que encontramos.”* (grifo do autor) Em Freire Costa (2007, 11) vamos encontrar uma definição de cultura aos modos da teoria de Winnicott: “é o resultado da atividade exploratória e criativa humana que, ao se defrontar com a resistência ou complacência dos provimentos ambientais, utiliza-os como matéria prima do que a *posteriori*, assumirá o significado de desejos ou necessidades.”

se encarregar de fazer, pois, “cada ser é uma constelação de duelos insolúveis...” (Pedrosa, 155, 2006)

É desta forma que a mutualidade em Winnicott (2006, 87, 91) encontra sua versão cotidiana e complexa dos laços humanos. Será na diferença entre “perfeição mecânica e amor humano” que a falta ou não de confiabilidade poderá se colocar. É da ordem da confiança suportar nossa entrada no mundo e nossa pequena significância bem como fazer dela uma prioridade criativa sobre a condescendência.

Assim, não podemos nos furtar de compreender esta relação entre a qualidade do sujeito e as condições que este conta para confeccionar sua existência e inventar territórios familiares diante de tudo que lhe parece estrangeiro. Desta forma, não serão dos fatos em si que estaremos falando, estes serão tomados como os “candeeiros de pé baixo; iluminam pouco” (Pedrosa, 149, 2006). Neste particular, concordamos com Fernando Pessoa, (1989, 42) nossa autobiografia pode ser feita sem fatos ao modo de uma prosa das afecções onde a condição do poeta é inventar paisagens com o que sente e, assim também ao sujeito, fazendo de sua vida uma obra sempre inacabada, também cabe uma estilística. Para suportar a ambiguidade que nos é constituinte é preciso ter construído as condições para isso, para que o paradoxal de nossa subjetividade se ponha como ateliê onde confeccionemos nossos destinos. “Basta que eu veja nitidamente com os olhos ou com os ouvidos, ou com outro sentido qualquer, para que eu sinta que aquilo é real. Pode ser mesmo que eu sinta duas coisas inconjugáveis ao mesmo tempo. Não importa.” (Pessoa, 1989, 159)

Nossa discussão busca justamente aquilo que dá aos fatos a consistência de exercer a vida, produzi-la incessantemente, ou seja, o que o autor que aqui nos orienta vem a chamar de “espaço potencial” (Winnicott, 1975, 139).

Será quando, recém-chegados, dependentes ao máximo, que iremos constituir com quem nos recebe um campo de imanência de experiências favoráveis ou desfavoráveis. Tudo estará ali para ser inventado, criado. É a fidedignidade da figura materna e/ou dos elementos ambientais e a possibilidade de pô-los a prova que cria a confiança necessária ao campo potencial. A confiança é o que vai permitir que a continuidade ceda lugar à contiguidade. (Winnicott, 1975, 140)

Assim podemos compreender que a confiança tem suas bases numa situação de desamparo do sujeito onde a sua dependência absoluta o coloca a mercê do outro. Será na qualidade do cuidado que recebemos que edificaremos nossa trajetória no mundo.

Psique e soma, indivíduo e ambiente, sujeito e objeto serão dualidades em desmonte à medida que podemos privilegiar na formação das pessoas uma terceira zona, que é a “área intermediária da experimentação”, onde nos empenharemos na perpétua tarefa humana de manter as múltiplas realidades que nos compõem em abertura para o mundo. (Winnicott, 1975)

É neste caminho que o que chamamos de campo transicional (transitional field) tornará o sujeito “capaz de aceitar a diferença e a similaridade”, eu e não eu, o igual e o diferente. Está é a condição ética necessária para a pacífica convivência no mundo, para que campos de experimentação convivam de forma construtiva.

Da passagem de um pequeno ser, o infante, para o bebê e posteriormente um indivíduo culturalmente inserido, temos complexos processos. Tais processos estão em construção num caldo sócio-cultural que sempre cobra seu preço. São as vicissitudes de nosso tempo e a sua forma de tramar a desconfiança e o medo como sintomas básicos das formações subjetivas atuais que norteiam nossa escrita, numa intercessão de autores ponteados por Winnicott.

Bauman (2005, 115) traz uma assertiva: “filhos da suspeita geram suspeita.” É no cotejo desta proposição com a teoria da confiança na psicanálise de Winnicott que encontramos recursos para o seguimento de nossa discussão.

A construção dos laços atravessa os tempos, altera a vida mundana e a forma como contratamos a convivência. Dos laços divinizados aos laços racionalizados ou ao afeto mercantilizado, o que não podemos colocar em xeque é que no vínculo se cobra a confiança.

A confiança parece estar em queda. Suspeitamos de tudo e de todos, em um tecido social onde a confiança realmente fracassou!. O esfacelamento da construção de laços de confiança e suas repercussões na produção de subjetividade trazem questões novas para a clínica. São sofrimentos ligados ao sentimento de solidão, vazio e fracasso. Não se trata de propor uma causalidade única à dor humana, mas problematizar aqui um analisador especialmente escolhido no cotidiano da prática como psicoterapeuta. O medo, a suspeita e a desconfiança são temas recorrentes nas sessões e representam argumentos para comportamentos variados: isolamento, indiferença, agressividade, intolerância, preconceito. O outro é suspeito, portanto, na minha defesa as estratégias se justificam. Aquele que suspeita esquece que também é suspeitado num ciclo sem fim. Assim, num clima de pouca fé uns nos outros é que estamos vivendo nestes tempos.

*Antes de Nascer o Mundo*⁴

é a idéia ligada à organização da educação moral que esvazia o indivíduo de sua criatividade individual (Winnicott, 1983, p.90).

Ao nascer todo humano se encontra diante de uma inevitável entrega, em dependência absoluta, com seu amor impiedoso dirigido àquela que o cuida, -em geral a mãe- serão dadas as condições de fazer nascerem mundos. Mundos inventados, descobertos, uma onipotência incondicional⁵ que precisa ser assegurada para que tais mundos não desandem. É o ambiente que assegura a invenção do mundo, serão suas intensidades que vão acolher o pequeno ser que se apresenta. Serão platôs⁶ de imersão onde o mundo não é a representação, mas a afecção que como intensidade marcará o corpo afetivo constituindo um campo de devires. Tais platôs são um campo imanente: podem ter a força da vitalidade, da acolhida que confere ao mundo que está sendo inventado pelo infante um sentido ou a hostilidade e mesmo a indiferença que destitui sua invenção de valor.

É, portanto, na chegada ao mundo que segundo a lógica destes autores iniciamos a construção do sentimento de “estar seguro de si”⁷, advindo do mais arcaico dos laços, a dependência absoluta. *A forma como vivemos a dependência vai depender de como se sentem aqueles de quem nascemos dependendo.* Em absoluto desamparo o infante necessita confiar no ambiente que o recebe.

Confiança é poder acreditar na presença do outro como ato de validação, proteção e cooperação: “ele não vai me fazer mal?”. A confiança é para o pequeno ser humano um platô a ser experimentado como presença ou ausência. É no cuidado que o infante recebe, no corpo adulto que se apresenta numa espécie de devir animal, uma comunhão de necessidades⁸ (mutualidade) que vai se constituindo a confiança para engendrar o mundo. Para Freire Costa (2007, 13), não podemos abrir mão da confiança, pois sem ela não seríamos capazes de confeccionar uma vida que “valesse a pena ser vivida.”

A perda ou o não estabelecimento da confiança são as condições do choque de efeito traumático com o ambiente e desencadeiam não só a descrença no mundo, mas em si mesmo, “... não só nos estudos de Winnicott sobre o fracasso do holding, a desintegração, o colapso, a

⁴ COUTO, Mia. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁵ GRAÑA. Roberto B. **Origens de Winnicott** - Ascendentes Psicanalíticos e Filosóficos de um Pensamento Original. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

⁶ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Ver as páginas 8 e 33. Para tais autores a idéia de platô constitui o plano de composição das singularidades e suas multiplicidades, carregados de intensidades afetivas e não de representações.

⁷ Graña, idem

⁸ Retomo aqui o conceito de Enrique Pichon-Rivière do sujeito como um ser de necessidades enlaçado no campo do social através delas. Anotações de curso.

perda da continuidade de ser (continuity of being) levando à artificialização da existência, mas também no (ao) conceito de “insegurança ontológica”⁹ de Ronald Laing...” (Graña, 2007, 100).

É exatamente nesta lacuna da confiança, quando não podemos viver confiantes, que a existência padece. Vai ser por ausência de afeto e cuidados adequados que segundo Winnicott (1983) o animal humano precisará da moral e das éticas religiosas. Assim, a moral se faz necessária quando falha a confiança. Será nestes casos, no interdito da culpa, que se fundará o limite com o outro, já que falharam as condições para o sentimento de consideração. Nesta idéia winnicottiana podemos encontrar um tanto de romantismo ou então um chamado de responsabilidade sobre quem somos e que vida construímos. Há nesta assertiva uma aposta no vitalismo do animal humano que está muito longe de nascer predestinado a ser. O que cada um será depende de “nascer o mundo”, de como será acolhido e inserido no *socius*. Não há destino prévio. E assim, Winnicott pode encontrar Nietzsche.

Cabrá ao homem, tão somente a ele, as possibilidades humanas, os desfechos do mundo bem como das pequenas individualidades. Assim, a vida como potência sustenta um possível diálogo entre os autores acima escolhidos.¹⁰ Para Nietzsche (1884/1888/1991, 164) “não há nada na vida que tenha valor, a não ser o grau de potência – suposto, justamente, que a vida mesma é a vontade de potência.”

É onde este valor se enfraquece que triunfa a moral como exercício de normas e culpas. Para Winnicott o infante vive um campo imanente com seu ambiente e, quando recebe um ciclo adequado de cuidados - uma mãe-ambiente capaz de oferecer presença consistente-, está encaminhado para desenvolver em si o sentimento de consideração, o que pode orientá-lo em suas escolhas pelo mundo, tendo em vista que “o destino mora nas escolhas”¹¹. “E o que chamáveis mundo deve ser criado já por vós outros; a vossa razão, a vossa imagem, a vossa vontade, o vosso amor devem tornar-se o próprio mundo. E verdadeiramente, será para ventura vossa.” (Nietzsche, n/d, 80)

É por isso que o infante de Winnicott nos levou até Nietzsche. Porque para ele a força motriz do humano não está na falta, mas no próprio movimento da vida que se impõe. Porque a existência está carregada de nós mesmos. Serão assim as marcas que vamos cartografando

⁹ Aspas do autor

¹⁰ Respeitadas as singularidades entre os autores, os conceitos são neste artigo utilizados como ferramentas de pensamento para temas em comum. A este respeito também remeto o leitor ao artigo de Alexandre Jordão, Nietzsche encontra Winnicott no livro de BEZERRA, B. Jr.; ORTEGA, F. **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

¹¹ Frase clínica de uma paciente.

de um mundo sempre em *poese* que nos permitirá a vida. Será o enfraquecimento das forças, feitas de marcas da impotência do outro, da rudeza do mundo, que podem engendrar um espaço potencial pobre que, como último recurso precisa abrandar seu vazio com a “vontade de destruição”. “O sucumbir se apresenta como um se - fazer sucumbir, como uma instintiva seleção daquilo que destrói necessariamente... a vontade de destruição como vontade de um instinto ainda mais profundo, o instinto de autodestruição, a vontade de cair no nada.” (Nietzsche, 1884-1888, 1991, 164).

Assim, constatar os limites do outro, as verdades de nossa cultura, o que fomos capazes de nos tornar, é viver no mundo e reconhecer em cada tempo as formas de subjetivação que nos dizem respeito.

Buscando o Fio da Vida

Quem é o procurador do desamparo desta vida? (Miranda, 1996, p.199)

A criação de uma cultura de excesso dos objetos traz, como um de seus efeitos colaterais, o que Bauman (2005) vem a nomear como a produção de refugos humanos ou ainda de pessoas redundantes. Para este autor (2005,12) estaríamos falando de um contingente populacional que não “puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar”... que estão “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”¹² que vão se tornar um problema de “refugo humano”, ou seja, uma questão mundial de dar destino a milhares de pessoas consideradas “lixo humano.”

A chamada sociedade de produtores que nomeava seus excluídos como desempregados passou agora para a categoria da sociedade de consumidores. O sujeito não vale exatamente pelo lugar que ocupa na cadeia produtiva, mas sim pelo que consome. Todo dinheiro que é usado no consumo é limpo, não há porque questionar sua procedência, ou seja, o valor do sujeito não está sobre sua vida de artífice¹² mas sim sobre sua capacidade de gasto. Ser sujeito é ser cliente, exercer o poder de compra!!!

Assim, sem poder de compra aquele que está fora é refugo, bem como aquele que compra é senhor de seus desejos.

Segundo Bauman (2005, 9) os resultados do lixo planetário “contém a história da paixão pela novidade que se repete a cada dia.” O ser humano assim como ama seus desejos

¹² SENNET, R. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

está a odiar seus dejetos que foram produzidos na paixão pelo luxo e pela novidade. O que torna o objeto investido de desejo de hoje, lixo amanhã, é o surgimento de outro objeto a ser ofertado para a cobiça. O que torna o objeto obsoleto não é seu tempo de uso ou sua falha em satisfazer o usuário, mas o fato de que este pode ser substituído por outro que, o mercado oferece novinho. É uma cultura de produção de descarte.

O descarte dos objetos vem num crescente à medida que se expande o consumo das novidades. A história do luxo e da cobiça dos objetos não é uma invenção pós-moderna, ao contrário, faz parte da própria história de como se constituíram os valores de nossa sociedade.¹³ O que vai caracterizar nosso tempo é a fartura na oferta de objetos a serem desejados e sua curta vida, bem como a velocidade com que produzimos e descartamos tudo aquilo que parecemos desejar ou necessitar.

*O Sujeito, a Confiança e os Caprichos Ambientais*¹⁴

Bauman (2005, 81) reflete sobre os grandes contingentes de refugos mundiais, como ele mesmo refere, “o problema dos migrantes”. Porém se, acordamos que a cada refugo, seu depósito de lixo, nos leva a ver claramente que a produção de vidas desperdiçadas está espalhada em todos os territórios onde a miséria e a exclusão se impõe como verdades inexoráveis criminalizando a pobreza e produzindo uma negação coletiva de que somos a sociedade que construímos.

A utopia de um mundo justo se modifica pela idealização de um mundo clean. A assepsia do mundo avança sobre a vida cotidiana. As cidades devem estar limpas dos seus dejetos, sujeitos sem destino devem ser recolhidos, a população reclusa aos seus aposentos ou centros de entretenimento, crianças são observadas em tempo integral. A homogeneidade entra em combate com tudo que se heterogeniza trazendo a cena angústias contemporâneas de um mundo que nos tira bruscamente os saberes que construímos para sobreviver de um tempo a outro, de um lugar ao outro.

O medo se interpõe como sentimento predominante. São medos de todos os tipos, de perder os bens econômicos, a vida, a saúde, medo da violência, do não saber, da velocidade, etc..., é a vida em estado de alerta. O medo do colapso (Winnicott, 1994) parece realmente

¹³ Ver DETONI, M. C. Viver não tem cura. In: **Artesania Clínica – questões para uma prática da multiplicidade**. (pp. 61 - 76). Porto Alegre: Marca Visual, 2009.

¹⁴ WINNICOTT, D. W. O Medo do Colapso (Breakdown). In: **Explorações Psicanalíticas**. (pp. 70 - 76). Porto Alegre: Artemed, 1963/1994.

partilhado empaticamente por todos nós. Carregamos a agonia do aniquilamento de nossas defesas e da fragilidade do ambiente como marcas existenciais. O sossego necessário ao decantar da vida psíquica está escasseado pelo atropelo do desempenho. Desta forma Winnicott nos permite refletir sobre o sofrimento justamente onde a vida atordoada perde sua dimensão de criatividade, onde desaparece sua riqueza e se instala a angústia. O sujeito pode responder ao apelo externo de um mundo narcísico mimetizando-se a ele, ao modo de um falso self, que lhe permita habitar sem sucumbir fazendo-se personagem glamourizado de uma existência sem vontade. Existências onde a descontinuidade inibiu a criatividade levam,

a associação da morte à vivência da descontinuidade e ao silêncio da criatividade desloca o sentimento de desamparo do “*medo da perda da vida*” para o “*medo da perda do sentido da vida*”. É a vida fútil ou supérflua... que se deixa assombrar pelo medo de morrer. A vida experimentada como criação aceitaria a morte sem terror ou desamparo, pois seria representada como ponto final de uma vida bem vivida (Freire Costa, 2007, p.81).

A vida bem vivida está no centro da idéia de saúde em Winnicott e no amor fatti em Nietzsche.

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo emergiu da dependência para a independência ou autonomia (Winnicott, 1999, p.10).

O que temos, portanto, são analisadores da produção de subjetividade no contexto atual que demarcam, a meu ver, este sujeito da cultura. A confiança como base vincular para uma vida psíquica capaz de se fazer criativa, legisladora precisa contar com adultos – um *socius*- capazes de acolher a complexidade da vida. É neste ponto que a vida narcísica e afobada marca as mães eficientes descritas por Khel (2010) trazendo a marca da falha do ambiente. Uma falha nos laços, na forma de inserir o infante no mundo.

A fé na vida ou a confiança em si e no mundo iniciou a partir de marcas no corpo e por isso pode-se mesmo dizer que, é o corpo quem confia e se afirma no sujeito desde sua experiência. O corpo que se alimenta de confiança quer, na sua forma mais ampla, a liberdade, ou seja, deseja afirmar-se, exercer sua vontade de potência. A construção da autonomia acontece gradativamente a partir de intervenções sobre si e sobre o mundo, experimentando a reprodução da confiança vivida na intimidade dos laços de cuidado.

Em tempos de suspeita, onde o valor de cada um, grosso modo, se estabelece a partir de imagens consumidas e projetadas numa espécie de fetichismo sem objeto, assistimos a

fragilização da confiança. O que aqui pretendemos pensar é que esta fragilização é, neste momento histórico, um dispositivo de sentidos dos laços humanos. A labilidade com que nos vemos expostos aos modelos de idealização existencial, a frugalidade dos desejos, a velocidade com que modos de vida despencam na escala de valores válidos nos deixam atônitos e inevitavelmente desconfiados. A imensa desigualdade social que separa os mundos limpos e sujos, respectivamente determinados por consumidores e não-consumidores cria estranhos das mais variadas espécies. Somos uma sociedade que produz mais estranheza do que podemos suportar e, a meu ver, criamos assim um ambiente geral de desconfiança. A relação com o outro é de suspeita e paradoxalmente de entrega numa expectativa de realização idealizada de um si distanciado do trabalho de autorreflexão. Assim o outro é rapidamente amado e odiado, introduzido na vida como muito íntimo e descartado como inútil quando não cumpre com o destino a ele determinado. Ao outro não cabe um encontro de afecções ao modo espinosiano¹⁵ mas um acoplamento. Desta forma, o objeto, afeto por pura afecção, não encontra sustentação simbólica para dar à ética uma dimensão relacional.

A ausência ou fragilidade da confiança nos deixa a mercê para uma vida enfraquecida onde não seremos capazes de aceitar a gratificação parcial. Isto não é pouca coisa! Aceitar que as coisas da vida são parciais, que de fato as idealizações, assim se chamam, porque não condizem com a realidade e, que nada será capaz de nos satisfazer, a não ser justamente, o fato de nos darmos por satisfeitos e confiantes na continuidade da vida.

Distancia de si, desconfiança de si e do outro, a vida como puro entretenimento onde não cabe nenhum incômodo, a expectativa de uma relação sem ônus faz dos laços arranjos precários e passageiros. Parecem destoantes aqueles que guardam uma relação de restauração com seu existir. A vida como antiquário, lugar de restauro, cuidados e histórias parecem um anacronismo.

Palavras Finais

Tomar a confiança como analisador-estruturante da subjetividade não é uma pretensão nosográfica, mas uma abertura de escuta clínica ao campo do socius onde vivemos. Uma pretensão metodológica da clínica como genealogia da existência

¹⁵ ESPINOSA, B. **Ética – Da Origem e da Natureza das Afecções**. 3ª Ed. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1677/1983.

O que pretendemos sustentar neste escrito é que a produção de mundos existenciais que nos circunscrevem como sujeitos não estão dentro ou fora da cultura ou do inconsciente, mas são o próprio confeccionar incessante de mundos, efeitos de dobras contínuas. Portanto, tomar os analisadores desta confecção nos permite pensar a clínica na sua face do ser, seja como expressão de sua criatividade ou de sua impotência. A confiança, em tempos de medo e suspeita foi, portanto o dispositivo que utilizamos para refletir sobre as angústias que se apresentam ao sujeito destes tempos.

Fazer o próprio destino, jogar o jogo das forças da vida é o esforço ontológico do vir a ser. Quando o humano está furtado desta batalha perde a condição de se afirmar, de tomar seu desejo como processualidade. Tal desfecho é um dos desafios que trazem as pessoas até nossos consultórios dispostas, quiçá a confiar na palavra e no laço como restaurador.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEZERRA, Benilton Jr; ORTEGA, Francisco. **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007

COSTA, Jurandir Freire. **O risco de cada um e outros ensaios de psicanálise e cultura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

COUTO, Mia. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 1)**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

DETONI, Maria Célia. **Artesania Clínica: questões para uma prática da multiplicidade**. Porto Alegre: Marca Visual, 2009.

ESPINOSA, B. de. **Ética: Da Origem e da Natureza das Afecções**. 3ª Ed. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Original publicado em 1677).

FERENCZI, S. Transferência e introjeção. In **Psicanálise I. Obras completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Original publicado em 1909).

_____. Elasticidade da Técnica Psicanalítica. In **Psicanálise IV. Obras completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Original publicado em 1927/28).

GRAÑA, R. **Origens de Winnicott: Ascendentes Psicanalíticos e Filosóficos de um Pensamento Original**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

- KHEL, Maria Rita. **O Tempo e o Cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- KNOBLOCH, Felícia. **O Tempo do Traumático**. São Paulo: EDUC/FADESP, 1988.
- KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WINNICOTT, D. W. **O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- WINNICOTT, D. W. O Medo do Colapso (Breakdown). In: **Explorações Psicanalíticas**. (70-76). Porto Alegre: Artmed, 1994.
- WINNICOTT, D. W. **Tudo Começa em Casa**. (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MIRANDA, Ana. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NIETZSCHE, F. (1991). **Sobre o Nihilismo e o Eterno Retorno**. (Coleção Os Pensadores Vol. II), São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Original publicado em 1881/1888).
- NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Ediouro, n/d. (Original publicado em 1883).
- PEDROSA, Ines. **A instrução dos amantes**. São Paulo: Planeta, 2006.
- PESSOA, Fernando. **O Livro do Desassossego**. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.